

A vida intensa de Nise da Silveira em etapas biográficas que a contextualizam e a conceituam

Acompanhe, abaixo, a composição da Ocupação Nise da Silveira organizada em torno de temas que seguem e permeiam as diferentes etapas da existência intensamente vivida por Nise da Silveira, que, com o seu trabalho e dedicação humanistas, cunhou novos caminhos pelos territórios dos cuidados às doenças mentais, da filosofia e da arte.

Vida e família

Nise da Silveira nasceu em 1905, em Maceió (AL). Filha única de Faustino Magalhães da Silveira, professor e jornalista, e de Maria Lídia da Silveira, pianista, Nise cresceu em um ambiente de muita liberdade, repleto de música, de arte e de poesia. Depois de concluir o curso secundário, aos 15 anos, mudou-se para Salvador onde frequentou a Faculdade de Medicina da Bahia. Na turma estava também seu primo, Mário Magalhães da Silveira – que se transformaria em um dos grandes médicos sanitaristas do Brasil e seu marido. Única mulher da turma, formou-se em 1926 e no ano seguinte, após a morte do pai, foi viver no Rio de Janeiro. Lá, especializou-se em neurologia e psiquiatria sendo aprovada em concurso público para trabalhar no Hospital da Praia Vermelha.

Prisão

Em 1935, durante o governo de Getúlio Vargas, uma série de revoltas lideradas pelo Partido Comunista Brasileiro explodiu pelo país. Como repressão – que anos depois, em 1937, daria início ao Estado Novo –, o governo Vargas iniciou a perseguição não só a integrantes do partido, como também a intelectuais, escritores e artistas. Nise foi presa pela primeira vez em 20 de fevereiro de 1936, por ter trabalhado como médica voluntária na União Feminina Brasileira – sendo solta no mesmo dia. Presa pela segunda vez quase um mês depois, em 26 de março, a médica foi levada ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e depois transferida para o Presídio Lemos de Brito, na Rua Frei Caneca, onde permaneceu até 21 de junho de 1937.

Emoção de lidar

Em junho de 1937, Nise saiu da prisão, mas alguns meses depois, por causa da nova onda de censura, partiu para a Bahia e por oito anos viveu na clandestinidade. Passou por outros estados do Norte e do Nordeste do país, como Manaus, Maceió e Recife – onde se casou, em 1940, com Mário Magalhães da Silveira.

Quatro anos depois, Nise foi readmitida no serviço público e começou a trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II. Lá teve contato com os “progressos” da medicina no campo da psiquiatria, como a lobotomia, o eletrochoque e o choque insulínico. Foi preciso um curto período de tempo para que Nise discordasse de tais tratamentos e buscasse novas formas terapêuticas, até que em 1946 fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (Stor), cujo principal objetivo era estimular os pacientes – que ela preferia chamar de clientes – a se expressar por meio da arte.

Obras do acervo histórico

Desde o início, sobressaíram-se as atividades expressivas, que revelaram artistas de incrível talento. A partir da produção dos frequentadores do ateliê, todos esquizofrênicos, Nise pôde perceber manifestações do inconsciente de cada um, decifrando suas histórias de vida e suas emoções. Abaixo, alguns deles:

Adelina Gomes (1916-1984)



Carioca e filha de camponeses, fez o curso primário e aprendeu variados trabalhos manuais. Foi internada em 1937, aos 21 anos. Passou a frequentar o ateliê de pintura em 1946 e até sua morte, em 1984, produziu cerca de 17.500 obras.

Carlos Pertius (1910-1977)



Foi internado no hospital da Praia Vermelha em setembro de 1939, na época com 29 anos. Carioca e nascido numa família simples, abandonou os estudos em razão da morte do pai para trabalhar em uma fábrica de sapatos. Depois de nove anos de internação, encontrou Nise e iniciou seus trabalhos em pintura.

Emygdio de Barros (1895-1986)



Fez o curso técnico de torneiro mecânico e ingressou no Arsenal da Marinha, passando dois anos na França para realizar cursos de aperfeiçoamento. Carioca, foi internado em 1924, com 29 anos. Começou a frequentar o ateliê de Terapêutica Ocupacional apenas 23 anos depois, destacando-se por seu talento. Produziu até falecer, aos 92 anos, deixando um legado de 3.300 obras.

Fernando Diniz (1918-1999)



Nasceu na Bahia em 1918. Aos 4 anos se mudou com a mãe para o Rio de Janeiro, onde realizou os estudos até o primeiro ano científico – atual ensino médio. Foi internado aos 26 anos por estar nadando nu na praia de Copacabana. Em 1949 começou a acompanhar os ateliês organizados por Nise; sua produção é estimada em 30 mil obras.

Isaac Liberato (1906-1966)



Carioca e nascido em uma família de posses, tornou-se radiotelegrafista da Marinha Mercante Brasileira. Foi internado em 1930, aos 24 anos, iniciando seus trabalhos no ateliê de pintura logo após sua implantação, em setembro 1946. Produziu até sua morte, em 1966, aos 60 anos.

Raphael Domingues (1913-1979)



Nasceu em 1913 em São Paulo. Estudou desenho acadêmico no Liceu Literário Português. Foi internado aos 19 anos, mas apenas com 51 começou a frequentar o ateliê de pintura da Seção de Terapêutica Ocupacional. Participou de diversas exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. Frequentou o ateliê até sua morte, em 1979.

Arte e psiquiatria (Nise no Mundo)

O ateliê de pintura do hospital de Engenho de Dentro foi inaugurado em 9 de setembro de 1946 e, após quatro meses, Nise promoveu a primeira exposição das obras. Daí em diante o reconhecimento dos trabalhos – tanto no campo de estudos da psiquiatria quanto no campo artístico – se fortaleceu, consolidando-se com o olhar atento de pessoas como o crítico Mário Pedrosa. Ele, ao lado de Leon Degand, na época diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), assinou em 1949 a curadoria da exposição *Nove Artistas de Engenho de Dentro*, realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. No ano seguinte, outra mostra, *Arte Psicopatológica*, aconteceu no I Congresso Internacional de Psiquiatria, em Paris, com 91 desenhos e pinturas e nove esculturas. A partir de então, quase que anualmente são realizadas exposições nacionais e internacionais com a produção dos frequentadores do ateliê.

Em 1952, para possibilitar as pesquisas sobre o estudo das imagens e dos símbolos e para acompanhar os casos clínicos, Nise da Silveira fundou o Museu de Imagens do Inconsciente (MII) – ampliado em 1956.

Análise e clientes

Os estudos realizados por Nise da Silveira com base na produção do ateliê eram feitos de maneira completamente individualizada, sem a criação de códigos rígidos que pudessem ser aplicados indiscriminadamente aos clientes. O afeto e o exercício de escuta que Nise fez nascer entre seus auxiliares e clientes estimulavam cada um a produzir livremente. A análise da série de imagens de um autor possibilitava a ela deduzir significados da produção.

Adelina Gomes (1916-1984)



Quando jovem, Adelina se apaixonou por um homem, mas sua mãe não aceitou o relacionamento, reprimindo a filha. Isso fez com que ela se retraísse cada dia mais, até que um dia, em um surto psicótico, estrangulou a gata de estimação da família. Diagnosticada com esquizofrenia, Adelina foi internada no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, aos 21 anos. Em 1946, passou a frequentar o ateliê de pintura e modelagem, momento em que Nise realiza os estudos clínicos dos símbolos que surgem em suas obras. São principalmente imagens arquetípicas femininas – como a ninfa grega Dafne e as deusas gregas Deméter e Perséfone. Aparecem ainda com força as figuras do gato, da mãe, da filha, do homem e da mulher. Antes considerada uma pessoa

agressiva e perigosa, Adelina, após o início de seu trabalho no ateliê, tornou-se mais tranquila e centrada. Até sua morte, produziu 17.500 obras, entre o abstracionismo e a figuração.

Lúcio Noeman (1913-1992)



Nasceu no Rio de Janeiro em 1913. Além de trabalhar em papelaria e depois como vendedor ambulante, Lúcio fazia por prazer trabalhos em madeira. Quando foi internado, também no Hospital de Engenho de Dentro, aos 35 anos, tornou-se frequentador assíduo do ateliê de modelagem, onde fazia esculturas em barro. Às emoções que sentia deu a forma de guerreiros prontos para a luta. Apesar das visíveis melhoras, o médico responsável por Lúcio, com o apoio de sua família, decidiu recorrer à lobotomia, como tratamento. Depois da cirurgia, as habilidades artísticas de Lúcio foram drasticamente modificadas, com perdas sensíveis no que diz respeito à criatividade e à técnica.

Carlos Pertuis (1910-1977)



Nasceu no Rio de Janeiro, em 1910. De família simples, abandonou os estudos prematuramente quando morreu seu pai. Certo dia, raios de sol incidiram sobre um pequeno espelho de seu quarto e o brilho deslumbrou-o. Ao evento ele deu o nome de Planetário de Deus. Foi internado no mesmo dia no Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha, em setembro de 1939. Logo que teve oportunidade de pintar – foi levado ao ateliê por Almir Mavignier –, representou no papel a visão do Planetário de Deus, uma mandala, cujo centro, uma flor de couro, é símbolo do sol e da divindade. Já no final da vida, recorreu ao uso de figuras masculinas grandiosas e com coroas, características próximas à descrição de Mithra, deus indo-persa, solar e herói.

Olívio Fidélis (1930- ?)



Nasceu em São Paulo, em 1930. Trabalhava como estampador em uma fábrica de tecidos, quando foi internado no Hospital de Engenho de Dentro, em 1967. Começou a frequentar o ateliê de pintura no mesmo ano por causa de um desenho que fez no muro do pátio do hospital: um homem sendo engolido por um grande peixe. Sua permanência no ateliê foi curta, dizia preferir desenhar no pátio, além de não gostar muito de pessoas por perto. Além disso, negava estar em um hospital, dizia estar ali para fugir

do inimigo. O tema do dragão-baleia é uma das mais antigas e universais variações do mito do herói. Em vez de combater e matar dragões, aqui o herói é devorado pelo monstro. Esse drama exprime a situação perigosa para o indivíduo de ser tragado pelo inconsciente. Olívio fugiu do hospital em 1967 e não se soube mais notícias suas.

Isaac Liberato (1906-1966)

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1906. Filho único de uma família de posses, viveu isolado de outras crianças até os 8 anos. Aos 19, ingressou na Marinha Mercante como radiotelegrafista. No intervalo das viagens namorou uma vizinha, a contragosto da mãe. Casou-se com a jovem, mas três meses após a união rompeu com a esposa. Foi internado em 1930, aos 24 anos, iniciando seus trabalhos no ateliê de pintura logo após sua implantação, em setembro de 1946. A linguagem verbal de Isaac é truncada e repleta de neologismos, no entanto, a linguagem plástica é fluída e conexa. Isaac utiliza-se do símbolo da árvore para representar seu relacionamento com a mãe. A árvore é protetora e nutridora, mas também pode sufocar o desenvolvimento de outras plantas. Ela, isolada, no contexto da vida de Isaac, parece representar seus impulsos para afirmar-se como indivíduo. A imagem da mulher é também constante em suas pinturas. É como se ele tentasse, pelo estudo das diferentes expressões, se aprofundar no conhecimento do feminino. Produziu amplamente até sua morte, em 1966, aos 60 anos.

Relação com Jung e as mandalas

Nise era uma admiradora da psicologia junguiana e foi a responsável pela introdução da psicologia analítica no Brasil. Ao identificar um padrão de imagens circulares, ou que tendiam ao círculo, associou-as às mandalas referidas por C. G. Jung em sua obra. Em 1954 juntou fotografias de algumas daquelas imagens e enviou-as junto a uma carta que escreveu para o psiquiatra. Ele, em sua resposta, confirmou a suspeita de Nise – e abriu com ela um canal de diálogo duradouro, que culminou na ida da médica ao II Congresso Internacional de Psiquiatria, em 1957 em Zurique e na presença do psiquiatra na abertura da exposição que aconteceu paralelamente ao congresso. No mesmo ano, Nise retorna a Zurique para estudar no Instituto C. G. Jung a convite do próprio; o contato entre os dois permaneceu por meio de trocas de cartas.

O grupo de estudos sobre Jung

O Grupo de Estudos C. G. Jung foi criado formalmente por Nise em 1969 – reunia-se informalmente desde 1954 – inspirado no psiquiatra e em seu trabalho. O registro formal foi uma saída de Nise para evitar a perseguição policial que o grupo sofreu no período de ditadura militar. A proposta inicial era que os encontros debatessem as ideias de Jung, mas com o tempo passaram a produções referentes não só a psicologia, mas a diferentes áreas das artes, convidando pessoas que produziam nesses diferentes formatos. Passaram a produzir a revista Quaternio em 1965, que reunia artigos de diferentes participantes dos encontros; a última edição foi publicada em 2001, após a morte de Nise, em sua homenagem.

O Grupo de Estudos ainda acontece na Casa das Palmeiras.

Os animais coterapeutas

“Excelentes catalisadores são os coterapeutas não humanos.”

Os gatos sempre foram de extrema importância na vida de Nise – vivia em meio a eles. Em muitas de suas fotos aparece acompanhada de algum e dedicou a seus companheiros o livro, *Gatos, a emoção do lidar*.

Em 1955, Nise encontrou próximo ao Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro uma cadela doente, a quem deu o nome Caralâmpia. Alfredo, um dos clientes de Nise, dedicou-se a cuidar do animal, que apresentou melhora, assim como o próprio paciente, que se tornou mais receptivo ao tratamento. A partir de então, Nise passou a adotar os animais abandonados que apareciam no hospital e a designar seus cuidados aos ali presentes – contrariando a opinião de muitos funcionários do centro psiquiátrico. Essa experiência fez com que a psiquiatra desenvolvesse pesquisas e tratamentos focados na relação dos internos com os animais, sobretudo os cães, que ela definia como um ponto de referência estável no mundo externo, que nunca provoca frustrações e dá afeto incondicional, sem pedir nada em troca.

A ligação de Nise aos animais aparece ainda em relação à Farra do Boi, que acontecia em Santa Catarina. Escreveu para o Ministro do Supremo Tribunal Federal, José Neri da Silveira, pedindo alguma ação para coibir o ritual, que define como “tortura cega pelo prazer de torturar”.

Campos de estudo, influências e referências de Nise

Nise era uma estudiosa interdisciplinar e, influenciada por C. G. Jung, sempre buscou referências sobre mitologias e simbolismos, aprofundando-se nos estudos sobre as culturas maias e incas, filosofia e questões indígenas, entre muitos outros. Este espaço é dedicado a reunir parte dessas pesquisas realizadas por ela.

Mapa

No mapa-múndi estão marcadas as relações que Nise da Silveira estabeleceu com pessoas de diferentes partes do mundo através da troca de cartas e, com elas, de ideias. Dessa forma, é possível visualizar um panorama do longo alcance do pensamento de Nise.

Capim e peneira

Em sua sala de trabalho, ao lado das imagens de Freud, Jung e de seus gatos, Nise da Silveira mantinha pendurados na parede uma peneira e dois abanadores, que chamava de seu brasão indígena. A peneira, para filtrar o trabalho, retirando-se os excessos, e os abanadores para manter viva a paixão pelo trabalho. Além de fazer alusão a esses símbolos, este espaço da exposição, dedicado à reflexão e ao conhecimento, também se inspira nos capins que Nise cultivava – metáfora para escritos e digressões que realizava em pesquisas constantes.

Para alimentar sua experiência, a curadoria da mostra fez uma seleção de livros relacionados à trajetória intelectual de Nise e que dialogam com sua história, além de trechos de gravações com a doutora.

Museu e a Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

O legado de Nise se materializa também nos espaços físicos que ela fundou. O Museu de Imagens do Inconsciente (MII) foi inaugurado em 1952 e é um centro de estudos e pesquisa na área da saúde mental, aberto ao público. Ali são realizadas exposições com obras de clientes que frequentaram o espaço em diferentes épocas, estando em cartaz atualmente a mostra *Museu Vivo*, que apresenta parte da produção atual. O espaço cuida da organização e da conservação das mais de 350 mil obras produzidas nos ateliês e do acervo pessoal de Nise da Silveira. Em 2003, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) aprovou o

tombamento das principais coleções do MII (128.909 obras). Em 2014, o arquivo pessoal de Nise da Silveira foi reconhecido como Memória do Mundo pela Unesco.

Ferramenta essencial para a manutenção do trabalho do MII e do ateliê, a Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente (Samii) foi fundada em 1974 – iniciativa desenvolvida com a colaboração de diversos interessados no tema e no legado de Nise da Silveira. A Samii realiza, desde então, cursos, convênios, projetos de pesquisa, publicações, entre outras ações que visam preservar a memória de Nise e de seu trabalho.

Em 1956 foi fundada a Casa das Palmeiras, clínica pioneira em regime de externato. O espaço foi pensado com base na preocupação de Nise com a alta estatística de reinternações de clientes no hospital – era em torno de 70%. O espaço atua com portas abertas, em regime de externato, e visa ao processo terapêutico, à socialização e à realização de diferentes atividades.

SERVIÇO

Ocupação Nise da Silveira

Abertura dia 25 de novembro – sábado (aberta ao público), das 11h às 13h

Visitação de 25 de novembro a 28 de janeiro de 2018

Visitação: Terças-feiras a sextas-feiras, das 9h às 20h, com permanência até as 20h30

Sábados, domingos e feriados, das 11h às 20h

Piso térreo e 1

Entrada gratuita

Classificação indicativa: Livre

Itaú Cultural

Avenida Paulista, 149, Estação Brigadeiro do Metrô

Fones: 11. 2168-1776/1777

Acesso para pessoas com deficiência

Ar condicionado

Estacionamento: Entrada pela Rua Leôncio de Carvalho, 108

Se o visitante carimbar o tíquete na recepção do Itaú Cultural:

3 horas: R\$ 7; 4 horas: R\$ 9; 5 a 12 horas: R\$ 10.

Com manobrista e seguro, gratuito para bicicletas.

www.itaucultural.org.br

www.twitter.com/itaucultural

www.facebook.com/itaucultural

www.youtube.com/itaucultural

www.flickr.com/itaucultural

Assessoria de Imprensa:

Conteúdo Comunicação

Fone: 11.5056-9800

Cristina R. Durán: cristina.duran@conteudonet.com

Amanda Viana: amanda.viana@conteudonet.com

Karina Cerullo: cacau.cerullo@conteudonet.com

Roberta Montanari: roberta.montanari@conteudonet.com

No Itaú Cultural:

Larissa Correa

Fone: 11.2168-1950

larissa.correa@terceiros.itaucultural.org.br

Carina Bordalo (programa Rumos)

Fone: 11.2168-1906

carina.bordalo@terceiros.itaucultural.org.br

www.conteudocomunicacao.com.br

www.twitter.com/agenciaconteudo

www.facebook.com/agenciaconteudo